http://journal.unoeste.br/index.php/ch
DOI: 10.5747/ch.2019.v16.n4.h453
ISSN on-line 1809-8207

Colloquium Humanarum

Submetido: 16/08/2019 Correções: 25/08/2019 Aceite Final: 26/09/2019

ASPECTOS DO PERFIL DE CRIANÇAS QUE MANIFESTAM AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gabrielly Doná[1], Andreia Cristiane Silva Wiezzel[2]

[1]Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista - Unesp, Campus de Presidente Prudente. E-mail: gabriellydonaa@gmail.com
[2]Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista – Unesp, Campus de Marília. Docente na Universidade Estadual Paulista – Unesp, Campus de Presidente Prudente. E-mail: andreia@fct.unesp.br

RESUMO
Esta pesquisa, de natureza qualitativa, tem como objetivo apresentar um perfil das crianças que manifestam agressividade excessiva em sala de aula, levando em conta aspetos de sua subjetividade e seu entorno. Foram analisadas 10 crianças de uma escola municipal de educação infantil, entre 4 e 6 anos de idade. Os dados foram coletados por meio de questionários aplicados aos pais e aos professores dessas crianças. Os resultados obtidos serão discutidos, principalmente, com base no referencial teórico de Donald Woods Winnicott (1975, 1982, 1992, 2000, 2005). Neste artigo, em que se apresenta e discute os dados referentes aos questionários dos professores, compreende-se que a maioria das crianças analisadas manifesta teimosia, possui dificuldades em seguir regras, não gosta de ser contrariada e não possui limites, demonstrando, assim, baixa tolerância à frustração. Ademais, houve vários marcos na história de vida das crianças participantes, alguns permeados por perdas afetivas e violência familiar.
Palavras-chave: Agressividade Infantil. Educação Infantil. Perfil de Crianças com Agressividade.

ASPECTS OF CHILDREN PROFILE THAT MANIFESTS AGGRESSIVENESS IN CHILD EDUCATION

ABSTRACT
This qualitative research aims to present a profile of children who manifest excessive aggressiveness in the classroom, considering the aspects of their subjectivity and their surroundings. We analyzed 10 children from a municipal kindergarten, between 4 and 6 years old. The data were collected through questionnaires applied to parents and teachers of these children. The obtained results will be discussed mainly based on the theoretical framework of Donald Woods Winnicott (1975, 1982, 1992, 2000, 2005). In this article, which presents and discusses the data regarding teachers' questionnaires, it is understood that the most children manifest stubbornness, have difficulties in following rules, do not like to be contradicted and lack boundaries, showing, thus, low tolerance for frustration. In addition, there have been several marks in the life story of the participating children, some permeated by affective loss and family violence.
Keywords: Child Aggressiveness. Child Education. Profile of Children With Aggressiveness.

ASPECTOS DEL PERFIL DE NIÑOS QUE EXPRESAN AGRESIVIDAD EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

RESUMEN
Esta pesquisa cualitativa tiene como objetivo presentar un perfil de niños que manifiestan agresividad excesiva en el aula, teniendo en cuenta aspectos de su subjetividad y su entorno. Analizamos 10 niños de un jardín de infantes municipal, entre 4 y 6 años. Los datos fueron recolectados a través de cuestionarios aplicados a los padres y maestros de estos niños. Los resultados obtenidos serán discutidos principalmente en base al marco teórico de Donald Woods Winnicott (1975, 1982, 1992, 2000, 2005). En este artículo, que presenta y discute los datos con respecto a los cuestionarios de los docentes, se entiende que la mayoría de los niños manifiesta testarudez, tiene dificultades para seguir las reglas, no le gusta que los contradigan y carece de límites, lo que demuestra poca tolerancia a la frustración. Hube varios hitos en la historia de su vida, algunos impregnados por la pérdida afectiva y la violencia familiar.
Palabras-clave: Agresividad Infantil. Educación Infantil. Perfil de Niños con Agresividad.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho alude a uma pesquisa de iniciação científica que, por sua vez, faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo da professora orientadora.

Inicialmente, far-se-á a diferenciação entre os termos “agressividade” e “violência”. De acordo com Ferraril (2006), a violência é uma categoria ampla que abrange inúmeros fenômenos e, para compreendê-la, é necessário levar em consideração os discursos em dado contexto histórico. É uma maneira de expressar que algo na ordem instituída pela civilização não vai bem. De acordo com Costa (1986, apud PIETRO; JAEGER, 2008, p. 220), “o caráter específico da violência é o desejo de causar mal, humilhar, fazer sofrer o outro. [...] falar de violência é falar de uma intenção de destruir”.

Vilhena e Maia (2002, p. 53), pela contribuição do viés psicanalítico de Winnicott (1975, 1982, 1992, 2000, 2005), dizem que “a violência que assistimos hoje em dia, que nos põe tão perplexos e assustados, representa o último grau de tentativa de estabelecimento de um diálogo, que já foi rompido”. Ou seja, a violência é resultante de um diálogo fracassado entre o sujeito e a sociedade, por exemplo.

Em relação à agressividade, segundo Winnicott (1982), esta é algo próprio ao ser humano, que já sente suas expressões bem no início da vida. Para o autor, há dois significados para a agressão: o primeiro é a reação a uma frustração e o segundo é que esta pode ser considerada como uma fonte de energia para as atividades de uma pessoa, como trabalhar, brincar etc. Ela pode se mostrar clara e se consumir, mas precisa de alguém para impedir os possíveis danos e ajudar a criança a enfrentá-la.

Pietro e Jaeger (2008, p. 220) afirmam que “a agressividade, ao contrário da violência, inscreve-se no próprio processo de construção da subjetividade, uma vez que seu movimento ajuda a organizar o labirinto identificatório de cada sujeito”. Portanto, “em meio às diferenças, agressividade e violência têm algo em comum: tanto uma quanto a outra supõem algo de renúncia por parte do sujeito [...]” (FERRARIL, 2006, p. 59).

Deste modo, o estudo sobre a agressividade infantil é relevante no âmbito escolar, visto que esta é recorrente nas salas de aula e, segundo Winnicott (2005), pode se converter facilmente em delinquência. Com isso, vê-se a importância desse fenômeno ser analisado cuidadosamente ainda na infância, de forma a integrar a atuação das escolas e das famílias.

É comum perceber a insatisfação de docentes e da própria família diante de atitudes agressivas que são exteriorizadas pelas crianças. Também são notadas queixas dos colegas da sala de aula acerca da agressividade recorrente, resultando, muitas vezes, na exclusão social de crianças que assim se comportam, o que só agrava a sua condição emocional.

Ao analisar o tema da agressividade infantil na escola e considerando a necessidade de conhecer a história de vida das crianças para se compreender as origens deste fenômeno, faz-se imprescindível a participação e o diálogo com os pais e os professores, com o intuito de aprofundar o entendimento acerca de seu desenvolvimento emocional. Sabe-se que, segundo Winnicott (1982), a agressividade é parte integrante da vida, porém, a criança precisa encontrar um modo para que as forças agressivas sejam dominadas, direcionando-as para outras atividades, como trabalhar, viver, amar, brincar, sem que a criança perca a condição de utilização de agressividade durante os processos adaptativos humanos. Não se trata, portanto, de dizimar a agressividade, até porque é impossível, mas disciplinar suas manifestações.

A origem da agressividade, como assinala Winnicott (1982), está relacionada a um movimento infantil, ainda na barriga da mãe. Assim, por meio dos famosos "chutes", a criança vai descobrindo um mundo que não é o seu eu, explorando os objetos externos. Contudo, estes chutes não são considerados condutas agressivas ou violentas, pois não há intencionalidade e não trazem consigo a intenção de destruir. Esses movimentos infantis, ainda, não apresentam um significado claramente agressivo, visto que a criança não está propriamente organizada, mas, posteriormente, poderá se converter em comportamento agressivo. Portanto, “a agressão está sempre ligada, desta maneira, ao estabelecimento de uma distinção clara entre o que é e o que não é o eu” (WINNICOTT, 1982, p. 264).

Winnicott (1982) também assinala que é necessário tempo para um bebê controlar as ideias agressivas sem perder a aptidão de ser agressivo em determinados momentos em que isto se fizer necessário. Cada um lida com as

cargas de impulsos agressivos de maneira diferente. Por isso, duas crianças podem estar passando pelo mesmo problema, mas uma pode manifestar comportamentos agressivos e a outra não. Um exemplo de ausência de expressões ou manifestações agressivas é observado nas crianças consideradas tímidas ou inibidas.

Segundo Winnicott (1982), há muitos conflitos e rupturas potenciais que perpassam as primeiras fases do desenvolvimento emocional. A criança pode vir a controlar esses impasses se o seu ambiente em torno for estável, do ponto de vista emocional. Se a estrutura de sua vida for quebrada, a criança deixará de sentir-se livre para se desenvolver, podendo tornar-se inquieta e angustiada. Se houver esperança de retorno ao desenvolvimento emocional ora interrompido, ela poderá procurar resgatar ou obter essa estrutura de apoio emocional fora de casa, em um ambiente externo, no caso a escola, onde julga ter pessoas aptas a lhe auxiliarem em suas necessidades que não foram supridas no lar. Em princípio, a criança busca em seu próprio teto as condições que precisa para retomar seu desenvolvimento. Não as encontrando, pode passar a investir e a tentar chamar a atenção de pessoas de fora, que julga se importar com ela. Fornecidas tais condições adequadamente, a criança passará da necessidade de ser dirigida no quesito agressividade para a independência no direcionamento de seus impulsos agressivos.

No caso da tendência antissocial, que também se relaciona a dificuldades próprias do desenvolvimento emocional, assim como na agressividade, também pode haver a prevalência da esperança, ou seja, a criança tem expectativa em retomar seu desenvolvimento emocional, contudo, pode haver falta de esperança relacionada ao seu lar. As crianças que manifestam tal tendência são aquelas em que o desenvolvimento estava bem até que algo o desestabilizou (mortes, acidentes, hospitalização). Neste contexto, a tendência antissocial é manifestada como um pedido ao ambiente para que se encarregue de seus cuidados, de forma que possa continuar seu desenvolvimento a partir do ponto em que estava, quando interrompido por elemento ou fato desestabilizador de sua relação com seu cuidador mais próximo. Esta tendência pode se manifestar, além de atos físicos e verbais de agressividade contra as pessoas, por meio da mentira, do roubo, da destrutividade de objetos, de incêndios, de fugas de casa e da escola etc. (WINNICOTT, 2000). Tais comportamentos acometem as crianças a partir dos sete ou oito anos, geralmente, quando há uma situação de agressividade agravada não trabalhada.

Como forma de instrumentalizar professores e pais quanto ao tema, o objetivo desta pesquisa consiste em identificar as características gerais e o entorno de crianças que manifestam agressividade excessiva na educação infantil, com o fito de traçar um perfil dessas crianças.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Neste trabalho foram investigadas 10 crianças de 4 a 6 anos, de uma escola municipal do interior de São Paulo, que manifestam comportamentos agressivos. Tal amostra foi possível pela indicação, por meio de professores, dos casos mais acentuados de agressividade presentes na referida escola. A pesquisa foi previamente avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Nº CAAE 31996114.5.0000.5402).

Este artigo envolve uma pesquisa qualitativa. Segundo Gerhardt e Silveira,

> [...] a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. [...]. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos [...] (2009, p. 31-32).

Este tipo de pesquisa é de fundamental importância para o presente estudo, visto que por meio dela é possível analisar os dados, visando um aprofundamento da compreensão dos aspectos da agressividade infantil, bem como os fatores que podem vir a influenciar nesse comportamento.

O processo de coleta de dados se deu a partir de questionários aplicados aos pais e aos professores das crianças. De acordo com Gil (2008), o questionário consiste em uma técnica

de investigação que consta de um conjunto de questões submetidas a pessoas, a fim de alcançar informações sobre conhecimentos, temores, interesses, aspirações, comportamento tanto no presente como no passado etc. Geralmente, os questionários são propostos por escrito aos respondentes.

O estudo se baseou em categorias como: comportamento da criança em sala de aula; personalidade; relação da família com a vida escolar da criança; relação da criança com o professor e os colegas; maneiras de manifestação da agressividade; desempenho escolar; marcos na história de vida da criança; suas brincadeiras com as outras crianças etc. Para a análise e cotejamento dos dados, tomou-se como base as concepções de agressividade para o autor psicanalítico escolhido, Winnicott (1975, 1982, 1992, 2000, 2005), bem como os preceitos da pesquisa qualitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo por base o objetivo proposto, apresentam-se, a seguir, os resultados obtidos à luz do referencial teórico de Winnicott (1975, 1982, 1992, 2000, 2005).

Referente à sala em que os alunos estão matriculados, 50% das crianças participantes estudam no Pré-I e 50% no Pré-II, sendo 9 meninos e 1 menina. Em geral, como identificado nos resultados obtidos, as questões que envolvem a agressividade aparecem mais em meninos.

Abaixo, apresenta-se uma descrição, em termos comportamentais, destas crianças em sala de aula, na concepção dos professores:

Quadro 1. Comportamento da criança em sala de aula

Categoria	Frequência	Porcentagem
Agitada, com falta de concentração e de atenção. Apresenta dificuldades de cumprir regras	2	20
Bom	1	10
Reservada, calada, fala muito pouco, resistente. Fala baixo e tem dificuldade na socialização	1	10
Agressiva, explosiva, chora muito	1	10
Agitada, pouco disposta para os estudos	1	10
Falante, falta de atenção nas conversas em roda, dificuldade em fixar conteúdos	1	10
É péssima, não tem limites, não tem regras, não participa da aula, não interage com os alunos	1	10
Não tem limites	1	10
Inquieta, fala pouco	1	10

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

É relevante realçar a variedade de características apontadas pelas professoras, aparecendo desde crianças que são agitadas até aquelas que são mais tímidas e falam pouco. Isso pode ocorrer, de acordo com Winnicott (1982), por haver opostos da agressão. Por exemplo, a criança atrevida, que ao descobrir que é limitada e consumível à hostilidade manifestada, fica feliz, e também há, dentre inúmeros outros opostos, a criança tímida, a qual pouco ou nada expressa da agressividade. Essas crianças mantêm a agressão "dentro delas", ficando tensas, extremamente controladas e sérias, assim, há certa inibição dos impulsos agressivos.

Há algumas atitudes das crianças que os professores consideram "delicadas" ou "complicadas" de lidar, tais como a teimosia, o mau humor, a falta de concentração nas atividades propostas, a falta de atenção, a dificuldade em fixar o conteúdo, o conflito com troca de brinquedos e de materiais entre os amigos, ou quando é dito que a mãe está presa etc.

Em relação específica ao humor dessas crianças, os professores se posicionaram da seguinte maneira:

Quadro 2. Características do humor

Categoria	Frequência	Porcentagem
Bom	3	30
Inconstante	2	20
Não respondeu	2	20
Sarcástica	1	10
Explosiva	1	10
Introvertida, séria o tempo inteiro e não sorri	1	10

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

É recorrente as respostas de inconstância do humor dessas crianças, bem como o sarcasmo e a explosividade, além das três crianças que são vistas como tendo um bom humor. Atrelada a essa característica, os professores foram questionados ao fato de as crianças se comportarem de forma tranquila ou agitada, ao que os professores responderam:

Quadro 3. Em relação à tranquilidade ou agitação motora/mental

Categoria	Frequência	Porcentagem
Tranquila	5	50
Muito agitada	3	30
Agitada	2	20

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

Nesta amostra, é visto que uma metade das crianças analisadas se mostram tranquilas e a outra metade é "muito agitada" ou apenas "agitada". Em relação ao nervosismo, outra característica geralmente recorrente nessas crianças, os professores apontaram:

Quadro 4. Nervosismo nas crianças

Categoria	Frequência	Porcentagem
Não	5	50
Sim	4	40
Às vezes	1	10

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

Metade das crianças não são consideradas nervosas, quatro são consideradas nervosas e uma é considerada nervosa apenas às vezes. O nervosismo surge como resultado da tensão acumulada, não havendo, também, na amostra, a prevalência de algum aspecto.

Partindo para as condições do entorno das crianças, os professores foram indagados a respeito da participação da família na vida escolar delas:

Quadro 5. Atuação das famílias das crianças em sua vida escolar

Categoria	Frequência	Porcentagem
Presentes na vida escolar da criança	3	30
Boa	2	20
Resistentes. Não aceitam o encaminhamento psicológico	1	10
Não é presente na vida escolar da criança	1	10
A mãe é um pouco insegura	1	10
Parece que falta carinho	1	10
Família diz não ter condições financeiras de acompanhar a criança	1	10

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

No que diz respeito à relação da família com a vida escolar da criança, vê-se que metade das famílias são presentes; a outra metade se mostra um pouco mais distante dessa responsabilidade. Para uma intervenção da escola sobre essa situação, é essencial o diálogo entre a escola e a família, que, como explicita Winnicott (2005), o que acontece em um ambiente influencia, inevitavelmente, no outro.

No que se refere à relação das crianças com os professores, também se observa disparidades:

Quadro 6. Relacionamento das crianças com os professores

Categoria	Frequência	Porcentagem
Bom	5	50
É pegajosa, “acha que eu [professora] sou propriedade dela”	1	10
É afetiva	1	10
Obediente, mas tem dificuldade em admitir regras	1	10
Não obedece	1	10
Bom, mas desafia não cumprindo às regras	1	10

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

No que tange ao relacionamento da criança com o professor, a maioria relata manter uma boa convivência com os alunos, mas há aqueles que não os obedecem e se mostram resistentes frente às regras. Há ainda aquelas que manifestam carência afetiva, algo comum e evidente, considerando a teoria winnicottiana.

Já com os colegas de sala, os conflitos são maiores:

Quadro 7. Relacionamento das crianças com os colegas de sala de aula

Categoria	Frequência	Porcentagem
É agressiva	3	30
Não possui vínculo	2	20
Bom	2	20
Ela arruma confusão por causa de brinquedos, lápis	1	10
É intolerante	1	10
Não respondeu	1	10

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

A maioria das crianças participantes, segundo seus professores, não mantém um bom relacionamento com os outros alunos da escola, visto que algumas apresentam ter prazer em destruir o que os outros montam para brincar, têm dificuldade em dividir os brinquedos e batem nos colegas.

O que nos causou maior preocupação foi o fato de duas dessas crianças, aparentemente, não conseguirem desenvolver vínculos, o que demonstra um possível prejuízo, ainda no momento primeiro de vida, em aspecto muito relevante ao desenvolvimento emocional, para Winnicott (1982).

O oposto, ou seja, como essas crianças são tratadas pelas demais crianças da sala, é apresentado a seguir:

Quadro 8. Como as outras crianças as tratam

Categoria	Frequência	Porcentagem
Rejeitam ou se afastam	3	30
Aceitam-nas	3	30
As crianças sempre chamam sua atenção nos momentos em que bate nos amigos	1	10
As crianças têm um pouco de receio	1	10
Não há nenhuma diferença	1	10
Com respeito	1	10

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

Assim como explicitado no Quadro 8, alguns dos alunos se afastam e ficam com um pouco de receio em brincar com essas crianças, outros chamam a sua atenção nos momentos de agressão. Em contrapartida, outra parte dessas crianças é aceita e não são tratadas de maneira diferente pelas outras da turma. Novamente se verifica que não há um desfecho único.

A escola possibilita a interação entre as crianças, assim, sendo esta uma das suas primeiras experiências como participantes de um grupo de mesma idade, é preciso desenvolver a capacidade de manter relações harmoniosas entre elas (WINNICOTT, 1982). É necessário, portanto, que a escola considere a relevância do trabalho com a questão da interação social, valorizando a integração da personalidade e a singularidade de cada caso.

Uma parte das crianças se afasta da interação com as que manifestam agressividade, possivelmente, por medo. Geralmente, os ataques agressivos possuem características diversas e, muitas vezes, as agressões surgem sem motivo aparente:

Quadro 9. Como as crianças expressam a agressividade

Categoria	Frequência	Porcentagem
Não respondeu	2	20
Ações de luta com os colegas	1	10
Bate em crianças com a parte de ferro da bolsa	1	10
Morde, atira coisas na cabeça das crianças	1	10
Verbalmente	1	10
Explode: enfrenta adultos, grita, xinga, e quando tentam contê-la ela bate	1	10
Bate, empurra	1	10
Bate, xinga, chuta os colegas. Em casa agride sempre a irmã mais nova deixando manchas roxas pelo corpo dela	1	10
Empurra os colegas	1	10

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

A agressividade é manifestada em diferentes etapas do desenvolvimento e de variadas formas. Por meio das análises realizadas, foi verificado que as manifestações agressivas variam entre agressão verbal, física ou ambas. Os professores relataram que as crianças entram em conflito pelo pertencimento de brinquedo, por outros objetos e até mesmo pela pessoa da professora; se forem contrariadas ou se sentirem ameaça de perda, elas atiram o objeto mais próximo ao chão ou aos outros. Winnicott (2005) destaca que, como a perda é algo com que essas crianças se deparam sempre e, portanto, lutam, é muito difícil a elas abrirem mão de qualquer coisa, ou mesmo emprestarem.

Os professores relataram alguns dos possíveis motivos para as crianças expressarem tais comportamentos, sendo citada a intolerância, o temperamento difícil, a falta de limites, a falta de vínculo afetivo, a falta de estrutura familiar. Ressalta-se aqui que quando os professores falam em "falta de estrutura familiar", não estão se referindo à composição dos membros da família, mas sim à estrutura emocional das famílias, o que Winnicott (1982) também aponta como algo efetivo ao desenvolvimento emocional das crianças.

Diante dos comportamentos agressivos, as professoras assim procedem: chamam a atenção; punem, retirando os jogos; conversam com a criança de jeito firme e explicam que isso não pode acontecer; conversam e retomam as regras; em um primeiro momento conversam olhando nos olhos, se não resolve colocam a criança ao seu lado por alguns minutos; mostram que o que a criança fez é errado, dentre outros. De acordo com Pietro e Jaeger,

> [...] a agressividade pode se manifestar de diversas formas: contra si, contra o outro, em relação às atividades e mediante um desenho. Muito ligada a um sentimento de rejeição, sentimento este que se confirma a todo o momento na sociedade, cada vez a criança agride mais; espera que, dessa forma, ela seja vista e entendida (2008, p. 223).

Quanto ao desempenho escolar dessas crianças, também há uma distribuição por dois tipos gerais de respostas, com algumas variações, de forma a indicar que os desempenhos apresentam adversidades.

Quadro 10. Desempenho escolar das crianças

Categoria	Frequência	Porcentagem
Abaixo do esperado	2	20
Satisfatório	2	20
Ruim	2	20
Bom	2	20
Péssimo, não faz nada	1	10
Apresenta dificuldades	1	10

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

Quanto à frequência das crianças à escola, elas se mostram assíduas. Essa informação pode ser relacionada com o apontamento de Winnicott (1982), em que as crianças buscam na escola o auxílio que não encontram em seu lar. Assim, elas raramente faltam às aulas, com a esperança de que a ajuda que tanto almejam seja alcançada.

Algumas situações de vida, que trazem desafios maiores do que as crianças estão aptas a suportar e fatos que causam traumas e estresse, geralmente fazem parte das motivações que levam a problemas com a agressividade. Visando identificar a presença ou não de alguns desses fatores, foi perguntado aos professores se eles sabiam de ocorrências que teriam causado grandes sofrimentos às crianças.

Quadro 11. Acontecimentos na vida das crianças que as deixaram muito tristes ou abatidas

Categoria	Frequência	Porcentagem
Não sabe	3	30
Violência	2	20
Separação dos pais	2	20
Sente a falta do pai (viajante)	1	10
Acidente	1	10
Prisão da mãe	1	10

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

Dentre os acontecimentos na vida das crianças que possam tê-las deixado abatidas, são citadas questões de violência e de fragilização do vínculo com os pais, seja por separação ou distanciamento. Também é referenciado um acidente sofrido por uma das crianças. Diante dessas indicações, é importante ressaltar que, segundo Winnicott (1982), a criança precisa de um lar com o qual se identifique, que sinta que seja um porto seguro. Para isto, há a necessidade de um ambiente emocional estável, para que ela possa ter a oportunidade de realizar naturalmente seus progressos ao longo das fases iniciais do desenvolvimento.

Quadro 12. Diferenças no comportamento das crianças depois da ocorrência dos fatos citados na questão anterior

Categoria	Frequência	Porcentagem
Não houve	3	30
Chorava	2	20
Sente a necessidade de falar sobre o pai, que está viajando	1	10
Ficou mais quieta	1	10
Regrediu no comportamento	1	10
Agitação e agressividade aumentaram	1	10
Ficou triste	1	10

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

Ao analisar os Quadros 11 e 12 e considerando que a agressividade pode se dar como uma reação a perdas afetivas que a criança tenha com sua família (WINNICOTT, 2005), pode-se relacionar os acontecimentos que as professoras acreditam ser marcantes na vida das crianças com os comportamentos agressivos apresentados por elas posteriormente, bem como as outras alterações mencionadas, incluindo o caso da criança cujo comportamento regrediu. Winnicott (1992) reforça que quando a criança altera seu padrão usual de comportamento na escola, está em luta com algum conflito emocional, seja este relacionado ao seu próprio desenvolvimento ou como reação a algum acontecimento muito difícil.

Quando a criança não está bem, isto comumente também se reflete na dinâmica de seu brincar. Nos casos de agressividade analisados, várias situações em relação ao tema podem ser observadas:

Quadro 13. O brincar das crianças com manifestações agressivas

Categoria	Frequência	Porcentagem
Brinca junto com os colegas	4	40
As crianças não gostam muito de brincar com ela porque não divide, bate	1	10
Tanto o grupo a isola como ela se isola no brincar	2	20
Brinca junto e separado das outras crianças	1	10
Brinca muito pouco, não tem amigos	1	10
Às vezes se isola no brincar, devido ao seu comportamento agitado e à sua agressividade	1	10

Fonte: Dados organizados pelas autoras (2019).

Ao analisar o Quadro 13 conclui-se que a maioria das crianças brinca sozinha, ou por preferirem isso ou porque as outras crianças as isolam, resultante de seu comportamento agressivo, seu temperamento e sua forma de interação com os colegas. Brincar sozinho é muito importante, porém, no contexto escolar, o brincar de uma criança pode ser muito enriquecido com a presença de outra. A criança que não brinca, ou brinca pouco, deixa de usufruir, segundo Winnicott (1982), dos efeitos benéficos do brincar à saúde e ao desenvolvimento emocional. O brincar, ainda, é uma forma de estabelecer e enriquecer as interações sociais.

Para Winnicott (1975, p. 80) “é no brincar [...] que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)”. Ou seja, por meio do brincar, a

criança conseguirá descobrir a si mesma, e assim, ir constituindo sua personalidade, sua singularidade. Além do mais, a brincadeira é um meio fundamental, utilizado pela criança, para resolver os problemas emocionais pertencentes ao seu desenvolvimento.

CONCLUSÕES

Tendo em conta os resultados apresentados, a questão da agressividade se revela tema de complexa compreensão em sala de aula e traz muitos desafios aos docentes, diante dos prejuízos humanos e materiais que pode causar. Segundo Winnicott (1982), as crianças esperam que a escola possa ir ao encontro de suas necessidades afetivas e de cuidados que não foram supridas em seu lar. Porém, não é sempre que a escola consegue ajudar essas crianças; muitas vezes os professores não conhecem a subjetividade das que apresentam comportamentos com agressividade, algo importante para que eles possam ter um olhar sensível para ir além do que o aluno diz. Isso não quer dizer que o professor deva conhecer minuciosamente cada aluno, pois seria impossível, mas, ao conhecer um pouco sobre seu perfil e suas necessidades emocionais, a intervenção se tornará mais significativa e uma essencial ferramenta para o auxílio desses alunos, já que os cursos de formação de professores ainda não abordam, em geral, este tema.

Endossando o posicionamento exposto, Pietro e Jaeger (2008) afirmam que a escola constitui uma possibilidade de que as crianças, por meio das relações sociais, obtenham um novo olhar acerca de seus sentimentos e de suas realizações. Ou seja, esta instituição pode auxiliar a criança a se entender interiormente.

No caso dos pais, diante de manifestações excessivas de agressividade, tendo um conhecimento a partir de orientações fornecidas pela escola, podem "encontrar um meio de sair desse episódio desagradável e esperar que, com o desenvolvimento da criança, possa estabelecer-se uma expressão mais significativa de agressão" (WINNICOTT, 1982, p. 266). Os pais são importantíssimos no auxílio às crianças, em seu desenvolvimento emocional, pois

> [...] as condições que são necessárias para o crescimento individual da criança não são estáticas, assentes e fixas em si mesmas; encontram-se num estado de transformação qualitativa e quantitativa, em relação à idade da criança e às necessidades em constante mutação (WINNICOTT, 1982, p. 203).

Quem melhor do que a família para acompanhar esse processo de desenvolvimento? Cada criança interage com o ambiente de uma forma, pois ela é única e se desenvolve em seu próprio tempo; cada criança tem uma realidade em sua casa, que influencia já nas bases iniciais de seu desenvolvimento emocional.

Como visto ao longo deste trabalho, a agressividade pode se tornar um reflexo de conflitos que ocorrem no lar das crianças e são angustiantes ou insuportáveis demais para elas superarem sozinhas. Assim, a família precisa auxiliar a criança a gerenciar seus impulsos agressivos, seja oferecendo um apoio, orientações, limites claros e/ou afeto. A escola reforça, em parceria, o trabalho iniciado pela família.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq, pela bolsa de iniciação científica.

As autoras declaram não haver qualquer potencial conflito de interesse que possa interferir na imparcialidade deste trabalho científico.

REFERÊNCIAS

FERRARIL, I. F. Agressividade e violência. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p.49-62, 2006. https://doi.org/10.1590/S0103-56652006000200005

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009. Disponível em: http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf. Acesso em: 06 jun. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PIETRO, P. P.; JAEGER, F. P. Agressividade na infância: análise psicanalítica. **Visão Global**, Joaçaba, v. 11, n. 2, p. 217-238, jul./dez. 2008. Disponível em: https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/503/0. Acesso em: 03 ago. 2019.

VILHENA, J.; MAIA, M. V. C. M. Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea. **Revista Mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. II, n. 2, p. 27-58, set. 2002. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v2n2/03.pdf. Acesso em: 03 ago. 2019.

WINNICOTT, D, W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.